

Tupinambá: índio hebraico?



NESTOR SOARES TUPINAMBÁ

é engenheiro, mestre em urbanismo e consultor de transporte

E-mail: nstupinamba@uol.com.br

Em minha família sempre houve muita curiosidade sobre a origem do sobrenome “Tupinambá”. Meu pai, Edson Hart Tupinambá, nos contava as histórias do engenheiro ferroviário William Henry Hart e Emily Buckingham Hart, vindos de Manchester (UK) para Salvador com a missão de construir uma ferrovia na Bahia. Eles eram seus bisavôs e deixaram muitas lembranças como fotos, jogos de chá de fina porcelana etc.

Mas do seu pai, Euzébio Tupinambá, nada sabia já que este morrera quando tinha apenas dois anos. De seus avós paternos então, muito menos. Apenas que tinham vindo de Estância, hoje interior de Sergipe.

Assim eu e minhas duas irmãs crescemos, na tranquila Brotas (SP), achando que descenderíamos de morubixabas ou guerreiros tupinambás. Essa tribo era valente e se metia em guerras periódicas com outras tribos para conquistar escravos para plantar mandioca, fazer farinha, construir tabas etc. Nessas empreitadas arrebatavam belas cunhãs para a cozinha e outros misteres. Ficávamos, assim, orgulhosos dos bravos ancestrais.

Eis que lá pelo ano 2000, em conversa com o ilustre psicólogo, autor, advogado e historiador da cultura judaica, Dr. Jacó Pinheiro Goldberg, fui perguntado sobre minha origem. Ou melhor, fui informado dela! Olhando fixamente para mim Dr. Jacó disse: “aposto que você desconhece a origem do nome Tupinambá bem como todos da sua família também desconhecem”. E que seu pai vem da região de Salvador, um pouco ao norte talvez e que, na sua família, ninguém tem cara de índio. Como você que tem mais cara de “brimo” do que de um índio!”.

Lembrei-me de quando fiquei dois meses em Bagdá, Iraque, para o projeto do Metrô de Bagdá (em conjunto com a Promon e a Engevix) os iraquianos me confundiam como sendo um local.

Continuando, o historiador, que me deixou muito surpreso, relatou sua pesquisa recente sobre uma especial imigração de judeus que fugiram da Europa em razão da perseguição religiosa para fundar aqui uma nação.

E escolheram a região onde hoje seria Sergipe, considerada na época bastante distante das tropas portuguesas e “abertas” a novos imigrantes. Isso se deu, provavelmente, no século XIX.

Como vieram para ficar e para conseguir a “terra prometida” juntaram-se aos índios locais, numa associação positiva e sinérgica, com uma forte troca cultural. Judeus ensinavam a construção de ferramentas e máquinas e os nativos discorriam sobre a terra, rios e peixes, mandioca, coco, fauna e flora,

enfim. Surgia também uma nova língua com um incipiente dicionário tupi-hebraico! Músicas e cantos eram trocados, com muita diversão...

Essa conjunção propiciou um rápido e fértil avanço e com excelentes colheitas de cana, milho, mandioca etc. Com a produção abundante começaram a vender o excedente para países europeus. Eles planejavam comprar máquinas, ferramentas, teares, papel etc. Como não cobravam impostos (como a severa e odiada “Derrama” portuguesa) podiam vender mais barato ao comprador europeu.

A notícia correu rapidamente (apesar da precariedade das comunicações da época) e chegou à Península Ibérica. Concorrentes no próprio Brasil estariam vendendo mais barato que os portugueses o que significaria o fim da colônia das mãos lusitanas. A corte portuguesa reagiu com forte preocupação e com severidade inaudita. A tropa deveria sair de Salvador e procurar os “miseráveis traidores da coroa”. E deveriam ser todos degolados, sem exceção, homens, mulheres e crianças. O banho de sangue e as cabeças decepadas seriam o exemplo aos “gajos infieis” e a outros possíveis “aventureiros”.

E assim foi feito. Em poucos dias a florescente nação foi localizada e dizimada. Alguns conseguiram fugir, liderados pelos índios, por trilhas na floresta que só eles conheciam. E ficaram anos na mata, escondidos e aterrorizados. Tanto que jamais contavam às crianças o que havia acontecido. Seria uma proteção ao seu próprio futuro. Com o passar dos tempos essas crianças, já crescidas, começaram a sair da floresta e a procurar aldeias e vilas que, então, já se aproximavam da mata. Os poucos que sabiam dos fatos não saíram de sua proteção e acabaram falecendo no mesmo refúgio. Apesar de ignorar sua história os que saíram da mata o fizeram com quatro sobrenomes indígenas: tupinambá, tamoios, tapuias e aimorés (*).

Essa é a história. De vez em quando encontramos outros Tupinambás e constatamos que não há parentesco consanguíneo, mas sim um “parentesco participativo” de uma “saga” brasileira tão importante como pouco divulgada. Dessa experiência, se deixada vingar, poderia ter se originado uma nação mesclada culturalmente com o encontro das diversidades e uma convivência religiosa e étnica, pacífica e sinérgica. Essa diversidade de etnias e de culturas cuja síntese, sem antropofagias gastronômicas, mas culturais, seria um modelo que, hoje, falta no nosso mundo dito “civilizado”. 📌

(* Cito tupinambás e tamoios com conhecimento, os aimorés e tapuias de memória.